



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no
lançamento do Fórum Empresarial Brasil/Índia**

Mumbai-Índia, 28 de janeiro de 2004

Meu caro amigo Anand Mahindra, presidente da Confederação das Indústrias Indianas,

Meus companheiros ministros Luis Furlan, do Desenvolvimento Indústria e Comércio; Celso Amorim, das Relações Exteriores e Walfrido, do Turismo,

Meu caros amigos empresários da Índia,

Empresários brasileiros,

Embaixadora brasileira,

Governadores de Estado,

Eu quero dizer aos empresários de Mumbai que dois governadores de dois estados importantes do meu país estão presentes aqui, nessa cidade: o governador Roberto Requião, do estado do Paraná, que eu peço para levantar para as pessoas saberem quem é; e o companheiro José Orcírio, conhecido como Zeca do PT, governador do estado do Mato Grosso do Sul.

O ministro do Planejamento Guido Mantega, que também está presente,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu tinha preparado um discurso razoavelmente longo para proferir hoje aos empresários brasileiros e aos empresários da Índia. Porém, o importante é que eu diga a vocês a impressão com que volto para o Brasil, depois desses poucos dias visitando a Índia, com um grupo respeitável de empresários brasileiros, que estão buscando parceiros e sócios para os seus investimentos, tanto aqui como no Brasil.

Quero agradecer também aos deputados que me acompanharam. Vieram poucos deputados, porque nós estamos fazendo uma convocação



extraordinária no Congresso Nacional brasileiro, para votar algumas coisas importantes, e por isso não puderam vir mais.

Quero agradecer ao cônsul honorário do Brasil em Mumbai, Anil Kadakia, que tanto trabalhou para que nós pudéssemos chegar onde chegamos.

Quero agradecer dois cientistas que estão aqui presentes. Um que veio comigo na delegação, o nosso companheiro Clayton, presidente da EMBRAPA, uma das grandes instituições de pesquisa que nós temos no Brasil. E o outro, o professor Isaías Raw, que certamente já teve ou terá grandes discussões com vocês.

Quero, nessa minha despedida, dizer aos empresários deste país que foi com muita alegria que eu decidi vir à Índia. E quero agradecer, na minha partida para Genebra, ao presidente Abdul Kalam, pelo carinho com que me tratou nas horas em que estivemos juntos, e o primeiro ministro Vajpayee, que me tratou também de forma muito digna. E eu espero, um dia, poder retribuir esse carinho numa visita ao Brasil.

Quero agradecer o espetáculo de beleza que a Índia me proporcionou hoje quando, por meia hora, eu pude visitar aquele monumento em homenagem à humanidade, o Taj Mahal. Realmente, eu acho que um país que consegue preservar um monumento daquela magnitude tem tudo para ser um país muito mais desenvolvido do que é atualmente.

Acho que a Índia está num momento excepcional da sua história porque, depois de tantas lutas, está travando uma outra grande luta, que é se descobrir para o mundo do negócio, nesse mundo globalizado. E é sobre isso que eu queria conversar um pouco com os empresários.

Ontem, houve quem achasse que eu fui duro com os meus companheiros, empresários brasileiros, quando os desafiei, e não foi a primeira vez. Nós temos que desafiar a cada dia, não aqueles que estão aqui ou que têm viajado o mundo, mas aqueles que ficam dentro dos seus países



esperando que aconteçam milagres. E no mundo dos negócios não tem milagre. Tem trabalho, persistência, perseverança. E isso é mais ou menos como garimpar. Ninguém acha a pedra preciosa em cima da terra. Ou nós garimpamos, cavamos os buracos necessários, carregamos a terra que for necessário carregar, nas costas, ou nós não encontramos o ouro, não encontramos as pedras preciosas que tanto procuramos.

No mundo globalizado, o mundo do negócio é um grande garimpo. Nós temos que procurar o melhor negócio. E para fazermos o melhor negócio, temos que estabelecer as melhores parcerias. E é por isso que eu quero dizer a vocês, com a sinceridade que um homem pode conversar com outro homem, de que a visão de mundo comercial, ou a visão de mundo de negócios que o meu Governo tem é muito claro. E dizíamos isso antes das eleições. Estamos colocando em prática aquilo em que nós acreditávamos quando disputamos as eleições.

O Brasil tem uma relação comercial muito equilibrada. Nós temos praticamente 52% da nossa relação comercial, dividido entre os Estados Unidos e União Européia, 25%, 26% para cada um. Temos outros 20 e poucos por cento com a América do Sul e o restante é distribuído entre os vários países do mundo.

Mas até há pouco tempo a nossa relação com gigantes como a Índia, como a China, como a Rússia, era muito pequena. Nós estávamos presos à comodidade de sermos procurados ou procurarmos por quem já estávamos habituados a fazer negócios. Entretanto, nesse mundo do negócio, nesse mundo globalizado está cada vez mais difícil, porque as potências econômicas estão cada vez mais se fechando em torno dos seus interesses, em torno dos seus empregos, e não vacilam um momento sequer em criar obstáculos para os países emergentes que querem disputar nos seus mercados.

Eu, muitas vezes, li nos jornais e ouvi na imprensa que muitos desses países desenvolvidos falam em comércio livre, desde que a liberdade seja só



para eles colocarem seus produtos em nosso país. Quando se trata de colocar as nossas mercadorias nos seus países, cria-se uma série de obstáculos que, muitas vezes, impedem o crescimento econômico dos países mais pobres.

E o que nós estamos fazendo agora? Além da genialidade dos ministros que tratam de política exterior – o companheiro Celso Amorim, o companheiro Furlan, o companheiro Roberto Rodrigues, da Agricultura, o companheiro Walfrido, do Turismo – eu, muitas vezes, tento colocar em prática algumas coisa que eu aprendi no movimento sindical. E a primeira lição que eu aprendi é que ninguém respeita o interlocutor que não se respeite. Ninguém, na face da terra, tem respeito por alguém que não se respeita. E nesse mundo da negociação entre os países, se um dos interlocutores age de forma subalterna diante do outro, podem ficar certos que ele só levará desvantagem para casa, porque ninguém respeita negociador assim.

E passei a discutir com os meus companheiros: qual o papel que o Brasil tem para jogar? Quais os países que têm similaridade com o Brasil? Quais os países que têm os mesmos problemas e, possivelmente, as mesmas soluções que o Brasil? E chegamos à conclusão de que a Índia tem muita similaridade com o Brasil. A única diferença é que a Índia tem muito mais gente que o Brasil.

Mas o potencial de desenvolvimento, do crescimento interno, o conhecimento científico e tecnológico e as boas perspectivas da Índia adentrar no mundo globalizado, são praticamente as mesmas do Brasil. Então, porque não estabelecer uma relação estratégica e privilegiada com a Índia? Porque não discutimos as nossas necessidades? Onde que um país pode contribuir com outro? Seja no setor da construção civil, seja no setor da construção de ferrovias, seja na produção de remédios, seja na área espacial, seja na produção de etanol, seja na questão do petróleo, ou em tantas outras coisas em que podemos ter políticas complementares e, quem sabe, atendermos mutuamente aos nossos interesses de crescimento e aos nossos interesses de



distribuição de renda.

Por isso este acordo preferencial que a Índia assinou, com a presença do representante do Mercosul, é, na minha opinião, um feito excepcional. Confesso a vocês que não imaginava que, em tão pouco tempo, nós conseguíssemos essa proeza. Porque para a Índia fazer isso significa, meu caro Celso Amorim, meu caro Furlan, meu caro Walfrido, que os dirigentes da Índia estão confiantes nos dirigentes do Brasil e nos dirigentes do Mercosul. E quando um ser humano confia no outro, aumenta a nossa responsabilidade. Significa que vamos precisar trabalhar mais, que vamos precisar ser mais ousados, que vamos ter que enfrentar a diversidade de países ou de parceiros que, talvez, não queiram que essa aliança tenha o sucesso que eu imagino que ela deva ter, daqui para frente.

É por isso que esse seminário é extremamente importante, porque no decorrer deste ano, outros seminários deverão se realizar, quem sabe no Brasil, quem sabe na China, na Índia. Estaremos aqui no final do ano, em novembro, com uma grande feira. O ministro Celso Amorim estará aqui em março, para fazer uma reunião bilateral com a África do Sul.

Nós estamos pensando em consolidar outros parceiros. E começamos do jeito que deveríamos começar, consolidando a América do Sul, que é um mercado extraordinário para os investidores da Índia e para os empresários da Índia. Embora sejamos um continente pobre, a verdade é que o Mercosul e a América do Sul representam um mercado de mais de um trilhão de dólares, representa uma população extraordinária, só no Mercosul, de 220 milhões de habitantes. O Brasil se orgulha de poder ser a porta de entrada da Índia na América do Sul e no Mercosul.

Esse seminário pode possibilitar que saíamos do 1 bilhão de comércio exterior que temos, hoje, para muito mais. Eu acho que o Brasil pode ajudar muito a Índia, e eu acho que a Índia pode ajudar muito o Brasil. Depende da nossa vontade política, dos governos, mas, sobretudo depende da capacidade



de trabalho que os empresários brasileiros e os empresários indianos tenham daqui para frente.

Queremos que, com esse acordo entre Brasil e Índia, Brasil e África do Sul, tenhamos a força necessária para, na Organização Mundial do Comércio, a gente consiga ter lastro político para flexibilizar os produtos que, muitas vezes, os países ricos impõem tarifas para impedir que façamos negócios. Não queremos parar na Índia e na África do Sul, queremos estabelecer forte relação com a China e com a Rússia. Queremos estabelecer forte relação com países da África do Sul e outros países africanos, para que a gente possa mudar um pouco o que eu chamei outro dia “a geografia comercial do planeta Terra”.

Quando os representantes da Índia e do Brasil, junto com representantes de mais 18 países criaram, em Cancun, o G-20, muita gente pode não ter notado o significado daquilo, mas eu tenho clareza de que algumas pessoas do grupo perceberam o que estava nascendo em Cancun. Não pelos resultados imediatos do que conseguiríamos na OMC, mas pelo que conseguiríamos de força política, mostrando ao mundo que 20 países, representando mais da metade da população do planeta Terra estavam a dizer àqueles que dominam o comércio mundial, que nós descobrimos que juntos poderemos mudar muita coisa nas regras do comércio mundial.

A Índia não quer nem mais, nem menos. O Brasil não quer nem mais, nem menos do que os seus direitos. Nós queremos poder comprar, mas também queremos poder vender. E queremos que os outros nos tratem da mesma forma que nós os tratamos. Afinal de contas, as nossas empresas querem crescer, querem gerar empregos; nós queremos gerar divisas para os nossos países, porque nós queremos resolver o problema da pobreza, da fome e da miséria nesses países gigantes, como são a Índia e o Brasil.

Quero me despedir de vocês, dizendo que se depender da minha vontade, muitas delegações de empresários brasileiros virão visitar a Índia daqui para a frente. Segundo o Furlan, estamos com 80 empresários aqui.



Mas, quem sabe, outras dezenas virão aqui, no decorrer deste ano. E que também o Brasil possa receber dezenas e dezenas de empresários indianos, para que a gente possa discutir, setor por setor, onde poderemos fazer *joint-ventures*, onde poderemos fazer negócios, vender ou comprar, onde poderemos construir o processo de integração física da América do Sul. É uma coisa extremamente importante para aqueles empresários que constroem ferrovias, que constroem estradas, que constroem pontes, que constroem hidrovias, porque a integração da América do Sul é, na minha concepção, um fato irreversível. Pode demorar um pouco mais ou um pouco menos, por conta dos recursos que, muitas vezes, são menos do que nós precisamos. Mas a disposição política é a de fazer a integração.

E, certamente, a Índia poderá ser um grande parceiro para alavancar não apenas as empresas indianas, mas para ajudar a alavancar o desenvolvimento naquela parte do planeta chamada América do Sul.

Quero me despedir dizendo a vocês que tenho mais três anos de mandato. E, nesses três anos de mandato, quero dedicar cada dia, cada mês, a provocar a boa provocação aos meus empresários, do campo ou da cidade, aos meus ministros, aos governadores de Estado que estabeleçam como prioridade não apenas levar empresas para o seu estado, mas também fomentarem seus empresários a visitar a Índia, porque eu não acredito em relação comercial ou relação política se não houver, sobretudo, uma relação de confiança.

No Brasil, mandamos para o Congresso Nacional o nosso chamado Plano Plurianual, as nossas metas de prioridades para os próximos quatro anos, com muitas obras de infra-estrutura. Nesses próximos dez dias, votaremos no Congresso Nacional uma PPP, que é uma Parceria Público-Privada, onde teremos oportunidade de oferecer a empresários estrangeiros a participação em negócios no Brasil, com marco regulatório que garanta a ele que não haverá, por parte do Estado brasileiro, nenhuma perspectiva de não se



cumprir aquilo que for acordado e colocado no papel.

É com essa seriedade, é com essa confiança que saio da Índia, convidando os empresários brasileiros: façam negócios, façam parcerias, provoquem outros empresários brasileiros a virem para a Índia. E, ao mesmo tempo, aos empresários indianos: visitem o Brasil, porque o Brasil possivelmente seja aquilo que vocês estão procurando, há muito tempo, fora da Índia para fazer bons e grandes negócios.

Boa sorte a todos vocês e que a aliança estratégica entre Índia e Brasil seja duradoura e permita que nós conquistemos o direito de que o nosso povo possa tomar café, almoçar e jantar todo santo dia, e que possa estudar e viver dignamente. Isso só será possível se as nossas economias crescerem. E, para as economias crescerem, vamos precisar de investimentos, aqui e lá. Vocês podem ser o bom sinal que nós precisamos para que Índia e Brasil deixem de ser países subdesenvolvidos ou países em desenvolvimento e passem a fazer parte do grupo privilegiado dos países ricos do planeta.

Muito obrigado e boa sorte a todos nós.

/rsm/lrj